

Lutero na Opinião da Igreja Católica Apostólica Romana

Dr. Harding Meyer

E' um fato estranho, na historiografia, que certas opiniões sobre acontecimentos ou pessoas do passado são transmitidas, durante séculos, sem serem reexaminadas quanto a sua exatidão histórica. Formaram-se no decorrer do tempo opiniões e considerações fixas, tornando-se, doravante, preconceitos sólidos e quase indestrutíveis para tôdas as gerações seguintes. Existem opiniões históricas que, de certo modo, congelaram em determinado momento, formando assim uma tradição rígida, quase completamente ao abrigo de qualquer revisão e exame historiográficos.

Consideremos, por exemplo, o conceito que todos nós temos da espôsa do filósofo Sócrates. E', historicamente, impossível provar por testemunhos autênticos que Xantipa realmente era uma «Xantipa». Como é que ela tornou-se essa mulher paradigmática, que molesta o seu marido por sua briga? Será que foi uma conclusão ousada de tipo biográfico, baseando-se na frase famosa de Sócrates: «Casa-te ou não, tu te arrependerás?»

Será que essa calúnia foi a vingança daquele discípulo esnobe de Sócrates, Antístenes, que se glorificava de sua pobreza e decadência e que, às vêzes, foi pôsto à rua por Xantipa, quando sua mendicância impertinente lhe enchia as medidas? Não podemos verificá-lo. E assim é provável que Xantipa permanecerá um espantalho para todos os maridos e um sinal de perigo para tôdas as espôsas.

Mas êsse caso não precisa preocupar demasiadamente o historiador. Há outros fatos históricos bastante importantes e numerosos, com os quais aconteceu algo idêntico. O historiador francês Halévy afirma-o, por exemplo, da Revolução Francesa. Submete, por isso, tôdas as interpretações da mesma a uma crítica geral, dando a essa sua obra o título significativo de «Histoire d'une Histoire», História de uma História.

Bem, a opinião sobre a Revolução Francesa também ainda não é, para nós, de relevância vital. A situação, porém, muda radicalmente quando se trata da opinião sobre um homem como Martinho Lutero, o qual nós, protestantes, consideramos como reformador da Igreja. Quando constatamos que, no mundo católico, durante quase quatro séculos foi transmitida, de geração em geração, uma caricatura feia do nosso reformador, isso nos atinge em cheio.

Já nessa altura quero afirmar, antes de mais nada, que essa apresentação desfigurada de Lutero, felizmente, não existe mais na Teologia e Historiografia católica atual. Mas como os senhores sabem, leva tempo até que nôvo reconhecimento nas ciências se torne posse comum. Com tais reconhecimentos não acontece o mesmo que com um sucesso da música popular, que, composto há dez dias no Rio, hoje já é assobiado nas ruas de cada cidade.

Da mesma maneira, também a apresentação desfigurada de Lutero ainda domina no povo católico. Constitui um obstáculo para qualquer aproximação entre católicos e protestantes. Pois, como poderia um católico fervoroso aproximar-se da Igreja protestante com espírito de respeito, quando nota na própria origem da mesma uma figura tão condenável, tão diabólica, como os biógrafos católicos do passado, de Lutero, lhe querem sugerir? E, por outro lado, como poderia um protestante aproximar-se numa atitude de estima da Igreja Católica Apostólica Romana, quando tem que constatar que a pessoa ilustre de Lutero é retalhada por calúnias?

Assim, qualquer espírito de estima e respeito mútuo é sufocado, já na origem, por uma opinião falsa sobre o reformador.

Mas, graças ao senso de verdade dos teólogos e historiadores católicos, a «história de uma história» foi escrita. O velho retrato de Lutero, transmitido quase inalterado durante quatro séculos, foi submetido a uma revisão total pela própria Teologia e Historiografia católicas.

Talvez os senhores venham perguntar-me porque um tal trabalho não foi feito pelos protestantes. Bem, desde as origens daquele retrato católico de Lutero, a pesquisa teológica e historiográfica protestante tentou corrigi-lo. Mas essas tentativas, por serem parciais e preconcebidas, foram rejeitadas, sem exame, no âmbito da Igreja Católica Apostólica Romana. A situação era tal, que unicamente vozes provenientes da própria Teologia católica podiam ser aceitas e ouvidas pela Igreja.

A pesquisa católica teve a coragem de escrever, apesar de todos os contra-ataques, uma «história crítica da história» e de reexaminar, à luz da verdade histórica, a sua opinião sobre Lutero.

A finalidade desta palestra é a de descrever o processo dessa evolução. Trata-se, por conseguinte, de apresentar aos ouvintes um dos frutos mais belos e mais admiráveis de uma ciência dominada pela imparcialidade e pelo desejo da verdade.

Conseqüentemente, o teólogo protestante de hoje não tem mais a tarefa desagradável e espinhosa de atacar com seus próprios argumentos o preconceito católico em relação a Lutero. Mas pode fazê-lo, dando a palavra aos próprios colegas e irmãos católicos.

Por isso, posso adotar, na exposição seguinte, o mesmo método, do qual se serviu o autor católico de um dos livros mais recentes sobre Lutero em língua portuguesa: para garantir um estudo objetivo da matéria e evitar qualquer ódio e zêlo falso, êle somente cita historiadores protestantes.

Assim, também eu, para não dar a impressão de atacar a opinião católica com argumentos protestantes, basear-me-ei, exclusivamente, em afirmações de autores católicos.

Abrangendo com a vista toda a história da opinião católica em relação a Lutero, podemos distinguir várias fases da evolução, cada uma possuindo um caráter bem particular. Seguindo essas fases, chegamos a cinco subdivisões de nossa exposição:

1. A fase da mera calúnia e afronta.
2. Tentativas passageiras para uma compreensão mais justa de Lutero.
3. Recaída na fase da mera calúnia.
4. O interrogatório histórico e psicológico de Lutero.
5. O avanço definitivo para uma atitude de respeito crítico diante do reformador.

Ainda antes da publicação da primeira biografia protestante sobre Lutero foi escrita uma tal pelo professor e humanista católico João COCHLAEUS. O seu livro «Comentários sobre os atos e escritos de Martinho Lutero» (*Commentaria de actis et scriptis Martini Lutheri*), publicado em 1549, 3 anos após a morte do reformador, é, não somente no sentido histórico, a primeira obra no gênero. Ocupa, também, o primeiro lugar em importância e influência.

Já com essa primeira obra realizou-se, no âmbito da Igreja Católica Apostólica Romana aquele processo de congelamento do retrato histórico de Lutero, do qual falamos no início.

Os «Comentários» de COCHLAEUS tornaram-se fonte original da qual todos os biógrafos católicos de Lutero tirariam o material para as suas obras.

Um dos mais destacados trabalhos católicos do tempo atual sobre Lutero dedica-se à descrição da influência gigantesca e dominante de COCHLAEUS. Refiro-me à grande obra do professor universitário católico Adolfo HERTE, com o título significativo: «O Retrato Católico de Lutero sob o Domínio dos Comentários de COCHLAEUS»¹⁾. Chega à conclusão, de que êsses comentários exerceram «uma influência sem igual»; que «determinaram, em última análise, as feições e o cunho da literatura católica em relação a Lutero»²⁾.

Qual é o retrato de Lutero, como os comentários de COCHLAEUS o apresentam? Bem, corresponde inteiramente à sua intenção íntima, indicada por êle mesmo numa carta: «Tornar Lutero ainda mais odioso, não somente aos católicos, mas também aos hereges», a saber, aos protestantes³⁾.

1) V. Bibliografia.

2) Herte, t I, P. XV.

V. Algermissen, p. 555, obs. 12.

3) «Consilium fuit, ut Lutherum non catholicis modo verum etiam haereticis magis exosum redderem», carta de 20 de novembro de 1538, cit. Kolde, p. 9, obs. 3.

Tôda a sua obra é uma enorme calúnia, um infame insulto contra Lutero. Nega-lhe, categòricamente, a vocação de reformador. Diz que não era um homem de Deus, mas, sim, um filho do diabo. Com isso COCHLAEUS não está empregando uma expressão figurada, mas sim totalmente naturalista: foi o diabo em pessoa quem gerou Lutero, em adultério com sua mãe. Em conseqüência disso, Lutero já na sua infância mostrou um caráter tão estranho e feroz, que sua própria mãe lamenta não ter morto êsse bastardo já no berço.

COCHLAEUS afirma que durante tôda a sua vida Lutero era um homem sem moral alguma, orgulhoso, fanfarrão, malicioso, mentiroso, ora ameaçador, ora adulator, cheio de fingimento e da presunção de infalibilidade, um escritor sem vergonha, um beberão e, antes de tudo, entregue à sensualidade desenfreada.

Nega-lhe qualquer piedade autêntica desde a sua saída do mosteiro. Também não foram motivos religiosos, mas, sim, baixos, que o levaram à luta contra as indulgências.

Naturalmente, COCHLAEUS ataca com uma predileção tôda especial e de maneira bastante pormenorizada o matrimônio de Lutero. Não nos poupa as mais feias alusões e descreve a vida antenupcial de Catarina von Bora como a de uma prostituta. Acompanha a morte do reformador com um sarcasmo desdenhoso. E' claro que o misterioso Senhor Pai, a saber, o d'abo, entra em cena. Se bem que COCHLAEUS ainda não defenda a tese da morte não natural de Lutero, não deixa dúvida alguma que Satanás em pessoa levou o seu profeta ao inferno.

Para a Teologia e Historiografia católicas de hoje, a obra de COCHLAEUS não passa de uma «porcaria» maliciosa, para empregar um termo do professor católico Adolfo HERTE ⁴⁾, que não pode ser desculpada pela intenção do autor de servir a sua Igreja. Mas a sua influência nos séculos seguintes, mesmo até recentemente em nosso século, foi enorme e devastadora. O prof. HERTE escreve: «Em conseqüência dessa influência quase sem igual, os comentários (de COCHLAEUS), como nenhum outro livro, puseram a maldição sôbre Lutero. Prejudicaram infinitamente sua reputação e tornaram-no aquêlo monstro e espantalho amoral, como era difamado em quase todo o mundo católico» ⁵⁾.

Aquêlo que após a leitura de COCHLAEUS fôr de opinião que a calúnia já chegou a seu mais alto degrau, infelizmente, está errado. O padre franciscano Simon FONTAINE, de Paris, o demonstra com sua «Histoire catholique de nostre temps». Afirma que, na véspera da morte, Lutero foi para o seu quarto com uma freira. ⁶⁾

Mas os insultos do franciscano são ainda sobrepujados pelo convertido e ex-médico João PISTORIUS e seus dois volumes sôbre

4) Herte, t. I, p. XI.

5) Herte, t. I, p. XVI.

6) V. Herte, t. I.

a «Anatomia de Lutero», publicados no fim do século XVI. Pretende anatomizar o «infame Lutero», como diz ⁷⁾. E o resultado dessa dissecação é que não menos do que 7 maus espíritos atormentaram o reformador incessantemente desde a infância.

Nos primeiros dois volumes de sua obra descreve 4 dêsses maus espíritos. Outros volumes deviam descobrir ainda mais demônios. Mas, comenta o sábio prof. HERTE, «felizmente não chegaram a ser impressos» ⁸⁾.

O específico da obra de PISTORIUS é o seu nôvo método. Como primeiro quer dar a impressão de trabalhar de modo objetivo e puramente histórico. Faz questão de descrever Lutero por «sua própria pena e bôca», diz êle ⁹⁾. Para isso leu e estudou três vêzes, do comêço ao fim, as obras completas de Lutero na grande edição de Jena.

Falando dêsse método, o prof. católico HERTE escreve: «PISTORIUS deu-se a aparência de imparcialidade. Mas, na realidade, era um dos juízes mais injustos que se possa imaginar... Escolheu dos escritos de Lutero unicamente tais passagens que podiam prejudicar a sua obra e reputação... Tirou-as do contexto, dando-lhes um sentido oposto ao sentido original, ocultando, ao mesmo tempo, tôdas as declarações, nas quais Lutero dizia o contrário do que êle lhe atribuiu». ¹⁰⁾

Pistorius conheceu um só fim no seu ódio contra o reformador: estigmatizar Lutero como uma pessoa carnal, como homem mentiroso, depravado e sacrílego. Chamou-o de Lutero «infernai», de «porco epicureu» e ainda pior, de «criminoso» que morreu de repente no estado de pecado mortal e desceu imediatamente para o diabo e o inferno, onde êle arde em mares de pixe e enxôfre. ¹¹⁾

Todos os biógrafos católicos de Lutero dos séculos XVII e XVIII estão na mesma linha. E' raríssimo encontrar uma palavra favorável em relação a essa ou àquela qualidade do reformador. A tendência dominante é a de aumentar ainda os contos de horror já existentes abundantemente. Escreve, por exemplo, o franciscano Heinrich HELM do entêrro de Lutero: durante dias inteiros o fedor do inferno, proveniente dos diabos destacados para o entêrro do morto, ficou nas ruas de Mansfeld e Wittenberg. ¹²⁾

Surge, também, naquela época, a história do suicídio de Lutero! Diziam que se enforcou no poste de seu leito.

O católico HERTE caracteriza essa história como um «conto de horror» sem fundamento algum. ¹³⁾

A calúnia chega ao cúmulo, onde os autores, não contentes em atacar o próprio reformador, derramam imundície também sôbre

7) V. Herte, t. I, p. 86 ss.

8) V. Herte, t. I, p. 86.

9) apud Herte, ib.

10) Herte, t. I, p. 87 ss.

11) apud Herte t. I, p. 88.

12) apud HERMELINK, p. 89 ss.

13) Herte, t. I, p. XVII.

sua espôsa. Aqui não podemos poupar-nos de mencionar a contribuição macabra de Michael KUEN, intitulada «Lucifer Wittenbergensis», publicado em 1747. O autor é de opinião que, para uma plena compreensão de Lutero, é preciso conhecer também a «Eva Luterana», que êle chama de «monja choca» e, irônicamente, «primeira prezada mãe de fé da Igreja Luterana»¹⁴⁾. E' uma obra mal feita, que apenas se eleva além do nível da pornografia. O autor, um teólogo estimado daquela época, parece tê-lo sentido, publicando seu livro sob pseudônimo. Quando o verdadeiro nome do autor foi revelado, todos os que o conheciam ficaram altamente chocados diante dêsse disparate do venerável senhor.

Contentemo-nos com a consideração de Adolfo HERTE, o qual escreve: «Com êsse panfleto, a literatura católica sôbre Lutero alcança o seu degrau mais baixo e mais triste. Hoje, não se concebe mais como uma tal obra mal feita e infame, que apela aos instintos mais baixos, pôde ser publicada ainda nos meados do século XVIII».¹⁵⁾

Mas abandonemos essa primeira grande fase da calúnia e do insulto. Tôdas essas obras, diz o professor de teologia católica Adolfo HERTE, «são uma porcaria que nos faz enrubescer de vergonha».¹⁶⁾

Sob a influência da idéia de tolerância no Racionalismo e Romantismo surge, no comêço até meados do século XIX, uma tentativa, lamentavelmente passageira, para uma compreensão mais justa e positiva do reformador, da parte dos historiadores e teólogos católicos. E' a **segunda fase** na literatura católica a respeito.

Refiro-me, por exemplo, a um teólogo, como o famoso Inácio DOELLINGER, que, décadas antes de sua excomunhão como modernista, falou com muita prudência e moderação a respeito do reformador. Escreve que Lutero pertence «aos homens mais ilustres de todos os séculos»¹⁷⁾. Elogia nêle «a grande coragem, firmeza, intrepidez, atividade admirável, um raro altruísmo, conhecimento profundo do coração humano, eloquência popular e irresistível e oportuno humor».¹⁸⁾

Por outro lado, porém, rejeita Lutero. Fala de seu «orgulho presunçoso» e de sua «altivez vaidosa». Diz êle: «suas boas qualidades foram desviadas para o mal pela altivez, rígida teimosia e desenfreada violência».¹⁹⁾

A mesma opinião, bilateral em si mesma, sôbre Lutero, encontra-se na obra de um dos maiores teólogos do século XIX, João Adão MOEHLER, de Tubinga. Escreve na sua famosa «Simbólica» algo inconcebível para a época passada: «Os sentimentos que

14) apud Herte, t. I, p. 199.

15) Herte, t. I, p. 203.

16) Herte, t. I, p. XI.

17) apud Herte, t. II, p. 25.

18) apud Herte, ib.

19) apud Herte, ib.

induziram Lutero à reforma foram, na substância mesma, são». ²⁰⁾ Diz êle que se encontram na obra, particularmente do jovem reformador, «uma abundância de pensamentos sublimes» e «uma paixão ardente pelo bem da Igreja». Não hesita em afirmar: «Deus lhe atribuiu um grande destino». ²¹⁾

Mas, por outro lado, a negação da doutrina teológica da Reforma leva a prof. MOEHLER à rejeição severa da pessoa do reformador. Fala de seus «defeitos enormes», particularmente de sua « vaidade » e da « ausência de escrúpulos em agitar as paixões dos homens ».

Chega até a escrever: « Quando consideramos nesse homem o egoísmo enorme, a presunção ilimitada, um horror sinistro se apodera de nós. Temos o sentimento de nos acharmos em meio dessas forças medonhas, que tentam, durante todos os tempos, empestear a história... ». ²²⁾

Poderia citar ainda outros representantes ilustres do catolicismo dessa época, nos quais encontramos a mesma atitude característica de pró e contra. O grande paladino do movimento católico do século XIX, João José von GOERRES, se bem que considere a reforma como uma segunda queda da humanidade, concede aos reformadores: « No começo, não exigiram mais do que o que era justo, sim, e até menos do que isso. Levantaram-se para eliminar os 'venenos morais e físicos' que, na véspera da reforma se tinham criado no 'centro mesmo da Igreja' ». ²³⁾

Nessa época, um santo da Igreja Católica Apostólica Romana, Clemens Maria HOFBAUER, não tem medo de confessar: « A Reforma foi desencadeada e propagada não por hereges e filósofos, mas, sim, por homens que realmente ansiaram por uma fé no coração. Eu o disse ao Papa e aos cardeais, mas não acreditaram, insistindo em que a Reforma fôra efetuada por inimizade à religião ». ²⁴⁾

Essas tentativas promissoras, porém, morreram nas tensões interconfessionais, que surgiram novamente no fim do século XIX. O ódio confessional causa, no campo da literatura católica sobre Lutero, uma **recaída na fase, já superada, da mera calúnia e afronta**. Não precisamos entrar em detalhes. Encontramos a mesma atitude e o mesmo tom, o qual já fôra sinal característico das obras de COCHLAEUS, PISTORIUS e KUEN. O prof. HERTE escreve: « Alguns dos panfletos mais infames que jamais foram escritos contra o reformador », cheios de « preconceitos e parcialidades », surgiram nessa época. ²⁵⁾

O teólogo católico Paulo MAJUNKE, de novo, faz circular o velho conto do suicídio de Lutero, servindo-se de argumentos que

20) Symbolik, 1843, 6ª ed., p. 242.

21) apud Herte t. II, p. 35.

22) apud Herte t. II, p. 36.

23) Gesammelte Schriften, ed. W. Schellberg t. 13, p. 196.

24) apud Congar, p. 262, obs. 5.

25) Herte, t. II, p. XX.

o próprio prof. HERTE caracteriza de «verdadeiramente fantásticos». ²⁶⁾

Um dos partidários de MAJUNKE, o padre austríaco José DECKERT publica, em 1889, um livro com o título «O Suicídio de Lutero, um Fato Histórico Provado», e com o subtítulo «Vademecum para católicos que pretendem tornar-se luteranos». Termina o seu trabalho com o seguinte conselho. cada católico que, apesar da leitura do livro, insiste em converter-se ao protestantismo, queira «gravar em sua memória a imagem do Lutero enforcado» e «mandar sepultar-se com uma corda como lembrança de seu chefe». ²⁷⁾ Diante de uma tal obra mal feita, o Ministério Público de Viena viu-se obrigado a intervir e confiscar o livro por ter degradado a Igreja Protestante.

Com tudo isso, o livro que é, talvez, o mais repugnante, ainda não foi mencionado. Trata-se da obra nojenta de BUSENBACHER, «As Aventuras Galantes de Lutero, Provadas Autênticamente», publicado em 1903. Já se pode imaginar pelo título o que o autor quer contar. Não seria decente repetir diante deste público as acusações, suspeitas e alusões asquerosas, entre as quais, a afirmação de que Lutero teria tido quatro bastardos, parece ainda muito suave ²⁸⁾.

A êsse gênero de literatura pertence também um livro brasileiro que, lamentavelmente, ainda hoje está à venda em nossas livrarias. Refiro-me à obra do padre católico Júlio Maria, S.D.N., com o título «O Diabo, Lutero e o Protestantismo», publicado em 1937 e reeditado em 1950. Nada mais é do que uma coleção de quase tôdas as calúnias, afrontas e contos de horror surgidos até hoje na literatura sôbre o reformador.

Talvez os senhores o conheçam. Descrevendo Lutero como pessoa imoral e orgulhosa, como «boêmio vulgar», «libertino» e «beberão» ²⁹⁾, diz Júlio Maria: «Em Lutero a febre de concupiscência carnal era estimulada pela embriaguez e pela crápula» ³⁰⁾. Como as freqüentes aparições do Diabo o demonstram, o reformador esteve em relações estreitas com Satanás. Escreve literalmente: «Lutero passou a ser joguête dócil nas mãos de Satanás que dêle se servia como de um instrumento». ³¹⁾

De Catarina von Bora afirma, depois de uma série de alusões da pior espécie: «... era uma criatura viciada, namoradeira, à cata do casamento, pouco diferente de uma mulher perdida». ³²⁾

O conto do suicídio de Lutero é apresentado ao leitor como coisa muito provável ³³⁾. Em todo o caso, os relatórios protestantes

26) Herte, t. II, p. 311.

27) apud Herte t. II, p. 315.

28) V. Herte, t. II, p. 323 ss.

29) p. 77 ss.

30) p. 78.

31) p. 89.

32) p. 104.

33) p. 162 ss.

sôbre a morte do reformador não são dignos de fé. Uma coisa é certa, para êle: «Lutero ocupa (no inferno) o grau mais baixo, mais próximo do lôdo e do pântano»³⁴⁾.

Sem dar-se o trabalho de examinar, como e quando surgiram êsses contos, divulga as calúnias ridículas sôbre o entêrro de Lutero. Escreve: «Contam ainda ter um bando de corvos... seguido o cortêjo lúgubre, como se fôsem demônios montando guarda de honra a um dos seus chefes. Neste dia, dizem, nenhum possesso foi atormentado, porque todos os demônios foram ao entêrro de seu grande chefe»³⁵⁾. O seu juízo final sôbre o reformador é o seguinte: «Lutero é um tresloucado ou então vítima de influência diabólica»³⁶⁾. Junto com Lutero, com o adúltero Zwinglio³⁷⁾ e com o «sodomita» Calvino³⁸⁾. Todos os representantes do protestantismo são, afirma êle sem hesitar, «até hoje» «quase exclusivamente... sacerdotes apóstatas e pessoas viciadas».³⁹⁾

Ao grupo daqueles biógrafos de Lutero, no início de nosso século, pertencem também o dominicano austríaco Heinrich DENIFLE e o jesuíta Hartmann GRISAR. Mas, como ambos eram sábios de renome mundial, preciso descrever a sua obra separadamente daqueles panfletos, se bem que o resultado da mesma não seja menos injusto e destrutivo.

Caracterizamos essa quarta fase como o interrogatório histórico e psicológico de Lutero. De fato, parece que o reformador é submetido a uma espécie de interrogatório criminal, que tem por único fim o de convencê-lo como culpado. O método psicológico de GRISAR e o método histórico de DENIFLE são tais, que somente testemunhas de acusação são admitidas, em ausência de um juiz imparcial garantindo o direito de defesa.

O dominicano H. DENIFLE, arquivista no Vaticano, era, sem dúvida, um sábio ilustre de renome internacional, ao mesmo tempo que católico fervoroso, cheio de amor para com a sua Igreja. Os ataques e as calúnias dirigidas contra a sua Igreja, um movimento de separação de Roma, particularmente forte em seu país e a tendência exagerada da parte dos protestantes de idealizar o retrato do reformador, foram motivos para DENIFLE tomar da pena. Diz na sua obra, aludindo a uma passagem bíblica: os protestantes semearam ventos e, por isso, agora colhem tempestades.⁴⁰⁾

E, de fato, como nenhum outro livro do tempo moderno a sua obra «Lutero e o Luteranismo, na primeira fase de sua evolução» abriu, de nôvo, o abismo entre protestantes e católicos.

Parece ter despertado nêle o antigo espírito inquisitório de sua ordem dominicana. Põe tôda a sua gigantesca erudição a ser-

34) p. 165.

35) p. 169.

36) p. 170.

37) p. 128.

38) p. 131.

39) p. 125.

40) Denifle 1ª ed., V. s.

viço do aniquilamento radical do retrato idealista de Lutero. Tudo o que pode afirmar sôbre Lutero converge nesta fórmula: Lutero é um homem mau; e a Reforma nasceu, em última análise, da imoralidade.

Tenta mostrar que Lutero é inteiramente entregue à sensualidade ⁴¹⁾. Fazendo alusões desdenhosas, descreve as suas relações com Catarina von Bora e outras mulheres ⁴²⁾. O reformador é, para êle, um beberrão desenfreado ⁴³⁾. Sua luta espiritual no mosteiro nada mais é do que um romance inventado por êle mesmo ⁴⁴⁾. Nunca houve em Lutero uma experiência religiosa. Só teve uma única experiência, a saber, a do pecado e de sua voluptuosidade avassaladora ⁴⁵⁾. Sua doutrina de justificação pela fé não passa de um pretexto para uma vida pecaminosa ⁴⁶⁾.

Assim, DENIFLE é absolutamente insensível para quaisquer boas qualidades de Lutero. O reformador, escreve êle, é um dos sujeitos mais depravados ⁴⁷⁾, o «mais baixo de todos os bípedes» ⁴⁸⁾. Diz que a sua teologia era antes uma «sarcologia» ⁴⁹⁾.

Chega a ponto de reparar nos vários retratos de Lutero a confirmação de sua opinião sôbre êle. «Em tôdas as suas feições transparece o pecado», afirma DENIFLE de um retrato de 1529, do pintor Lucas Cranach. Na sua opinião tôdas as gravuras de Lutero mostram a expressão de «arrogância, astúcia, moleza, sensualidade e baixeza, sem um só traço nobre» ⁵⁰⁾.

Resume, repetidamente na sua obra, a quinta-essência de tôdas as considerações na exclamação, impressa em negrito: «Lutero, em ti não há nada de divino» ⁵¹⁾.

Seu método é o de PISTORIUS, a quem êle elogia como «adversário invencível do protestantismo» ⁵²⁾. Podemos chamar êsse método de histórico no sentido de que pretende servir de maneira imparcial à verdade, utilizando unicamente afirmações do próprio reformador e testemunhos historicamente autênticos. Mas, com isso, escreve HERTE, DENIFLE é vítima de uma «terrível ilusão» ⁵³⁾. O efeito da obra foi enorme. Caiu como um raio e inflamou vastos círculos.

Mas, logo em seguida, uma série de teólogos e historiadores católicos começaram a afastar-se dêle. Já no necrológio, imediatamente após a sua morte em 1905, o historiador católico GRAUERT lamenta a violência, a agudeza e a parcialidade de sua polémica. Escreve: «A obra de DENIFLE, muitas vêzes, dá a impressão de um plaidoyer, no qual o procurador do Estado deseja

41) Denifle, t. I, p. 251 ss.

42) Denifle, t. I, p. 283.

43) Denifle, t. I, p. 100 ss.

44) Denifle, t. I, p. 390 ss.

45) Denifle, t. I, pp. 477 ss.

720obs. 3, 757.

46) Denifle, t. I, p. 17. t. I, p. 510 ss.

47) Denifle, t. I, p. 852.

48) Denifle, t. I, p. 844.

49) apud Herte, t. II, p. 331, V.

Denifle, t. I, p. 622 ss.

50) Denifle, 1ª ed. pp. 815 obs. 1, 817, 821 s.

51) Denifle, t. I, pp. 797, 830, 852...

52) Denifle, t. I, 293, obs. 1.

53) Herte, t. II, p. 330.

conseguir a condenação do acusado em qualquer hipótese»⁵⁴⁾. O conhecedor católico de Lutero, José LORTZ, fala de uma «interpretação errônea que nos deixa perplexos»⁵⁵⁾. O prof. HERTE é de opinião que o ódio tornou DENIFLE insensível e o levou a sofismas e conclusões erradas⁵⁶⁾. Por isso, a sua obra não inicia uma era nova na pesquisa católica sobre Lutero, mas volta para os métodos polêmicos da contra-reforma. O famoso dominicano francês, Yves CONGAR diz que, em DENIFLE, não se encontra uma compreensão mais profunda de Lutero⁵⁷⁾, e o célebre filósofo religioso católico João HESSEN resume a opinião católica atual: «... a pesquisa católica já há tempos afastou-se de DENIFLE»⁵⁸⁾.

Sete anos mais tarde foi publicada uma obra volumosa do jesuíta Hartmann GRISAR sobre Lutero. Significa, de certo modo, um passo para além de DENIFLE. Quer eliminar todos os contos indecentes sobre Lutero. Diz êle que não existem fatos que poderiam provar, que a reforma nasceu de concupiscência carnal ou de decadência moral⁵⁹⁾. Emprega uma linguagem urbana e esforça-se de guardar, em tôdas as suas pesquisas, a máxime objetividade possível. Chega, ocasionalmente, até a elogiar os talentos intelectuais de Lutero ou essa ou aquela de suas virtudes e qualidades.

O interrogatório criminal de DENIFLE torna-se, com GRISAR, análise psicológica. Quer dar uma «característica psicológica» de Lutero, escreve êle⁶⁰⁾.

Não descobre mais a chave para a personalidade de Lutero na imoralidade, como DENIFLE, mas, sim, no campo patológico. Defende a nova tese: Lutero não era um homem moralmente mau, mas, sim, psicicamente doente⁶¹⁾. E, conseqüentemente, a atitude adequada perante êle não é a do ódio, mas da misericórdia.

A fonte original, de onde nascem os atos e pensamentos de Lutero, sua miséria propriamente dita, é, segundo GRISAR, uma «altivez espiritual» de caráter patológico⁶²⁾. Dessa altivez derivam-se teimosia, obstinação⁶³⁾ e uma linguagem indecente⁶⁴⁾.

Um pavor patológico⁶⁵⁾ e uma arrogância não menos patológica⁶⁶⁾, beirando à megalomania⁶⁷⁾, levaram-no à apostasia.

Essa obra altamente erudita deixou uma impressão profunda. No início foi aclamado não somente pelos católicos, mas também por muitos protestantes. De fato, pode ser considerada, em comparação com a literatura antecedente, um progresso.

54) apud Hessen, p. 10 s.

55) apud Bornkamm, p. 107.

56) Herte, pp. 332, 333, 334.

57) Congar, p. 262.

58) Hessen, p. 10.

59) Grisar, t. I, p. 86 ss.

60) Grisar, t. I, p. V.

61) Grisar, III, pp. 653 ss. e 661 ss.

62) Grisar, t. I, p. 97.

63) Grisar, t. III, p. 864 ss.

64) Grisar, t. II, pp. 188 ss. e 218 ss.

65) Grisar; t. III, p. 607; t. I, p. 98 s.

66) Grisar, t. I, p. 95.

Mas, então, elevaram-se vozes de advertência e crítica.

A maneira de GRISAR de compreender Lutero, seu «interrogatório frio», como diz José LORTZ ⁶⁸⁾, não conseguiu alcançar o caráter íntimo do reformador. Escreve HERTE: «Foi um erro total procurar a chave principal da personalidade de Lutero no campo patológico» ⁶⁹⁾. Outro autor católico, João HESSEN, observa: «Tôda essa enorme obra é uma demonstração, de que podemos encher tomos inteiros com interpretações sobre um gênio, sem têmos penetrado no seu caráter íntimo e compreendido sequer um bafejo de seu espírito» ⁷⁰⁾. O dominicano francês, Yves CONGAR, cita a feliz formulação de um erudito historiador: «Não há livro algum que contenha menos de errado sobre Lutero, mas, simultaneamente, menos do Lutero verdadeiro» ⁷¹⁾.

Além disso, a pesquisa católica de hoje afirma ser errado falar de Lutero como um doente psíquico. José LORTZ responde a GRISAR: «E' um fato que Lutero, pela quantidade enorme de seus trabalhos importantes, provou, de maneira incisiva, a sua saúde psíquica» ⁷²⁾. O padre Frederico RICHTER, (aliás, antes de sua conversão ao catolicismo, pastor luterano em nossa Igreja aqui no Brasil) escreve algo idêntico no seu livro sobre Lutero e Inácio de Loyola: «GRISAR tenta explicar as lutas íntimas de Lutero por uma anormalidade psíquica. Mas Lutero era são como poucos» ⁷³⁾.

Resumindo as opiniões católicas atuais em relação à quarta fase da literatura sobre Lutero, representada por DENIFLE e GRISAR, o católico João HESSEN diz: «E' possível duvidar qual de ambos os métodos de 'executar' Lutero seja o mais simpático: o método grosseiro mas franco do dominicano, no qual arde o zelo sagrado do inquisitor, ou o método mais encoberto do jesuíta... Seja como fôr. Não existe dúvida alguma que ambos os métodos são totalmente errados» ⁷⁴⁾.

As obras conhecidíssimas do apologeta jesuíta padre Leonel FRANCA ⁷⁵⁾ pertencem, de modo geral, à escola de GRISAR, com uma certa tendência para DENIFLE. O autor tira quase todos os seus argumentos da obra de seu ilustre predecessor. Como já descrevi a obra de GRISAR, não preciso dar uma exposição separada dos livros de Leonel FRANCA. O juízo da Teologia e Historiografia católica atual em respeito a GRISAR abrange, automaticamente, também a obra do padre brasileiro: o seu método como os seus resultados são errôneos e ultrapassados.

Com um sentimento de grande alívio, o teólogo protestante abandona o capítulo triste da literatura católica passada sobre Lu-

67) Grisar, t. III, p. 650 ss.

68) apud Bornkamm, p. 107.

69) Herte, t. II, p. 353

70) Hessen, p. 12.

71) Congar, p. 262.

72) Lortz, t. I, p. 434 s.

73) Richter, p. 64 s.

74) Hessen, *Der deutsche Genius und sein Ringen um Gott*, 2ª ed., 1937, p. 68.

75) v. Bibliografia.

tero, tornando-se para a época atual, a fase do avanço definitivo para uma atitude de respeito crítico diante do reformador.

Com a máxima satisfação e o mais sincero respeito, nós protestantes tomamos conhecimento das pesquisas profundas e do empenho para a verdade histórica, realizados pelos teólogos e historiadores católicos, nas últimas três décadas.

As contribuições católicas para uma revisão do retrato desfigurado de Lutero são tão numerosas que não é possível expor a todas mais detalhadamente. Perguntemos simplesmente: qual é a opinião sôbre Lutero, que, hoje, se encontra no âmbito da Teologia e Historiografia católica?

Bem, antes de mais nada quero adverti-los que êsse nôvo retrato do reformador não é totalmente uniforme em todos os autores. E' lógico que existem certas divergências, certas diferenças na acentuação. A apreciação mais favorável de Lutero encontra-se, ao meu ver, na obra do filósofo religioso João HESSEN. Enquanto que o prof. José LORTZ e, particularmente, o teólogo norte-americano O'BRIEN, cujo livrinho sôbre Lutero foi publicado em língua portuguêsã na série «Vozes em defesa da fé», mostram uma atitude reservada diante do reformador.

Ambos, LORTZ e O'BRIEN, ainda dependem, visivelmente, da obra de GRISAR, se bem que, de modo geral, se distanciem dela.

Afirmei que não se poderia falar de uma opinião totalmente uniforme e homogênea de Lutero nos autores católicos contemporâneos. Não obstante, todos concordam quanto às afirmações fundamentais.

Desapareceram completamente tôdas as histórias de horror: a ligação de Lutero com o diabo, as alusões indecentes e vulgares a seu matrimônio, as histórias fantásticas a respeito de sua morte.

Tôdas as calúnias contra sua moral são abandonadas. O'BRIEN e RICHTER acentuam, expressamente, que Lutero levou uma vida séria e imaculada, sem conflitos sexuais fora do comum ⁷⁶⁾. Um outro autor católico o elogia como uma pessoa prestimosa e abnegada ⁷⁷⁾. Reconhecem nêle uma «seriedade moral», «piedade profunda» e uma «indefetível fé em Deus» ⁷⁸⁾. No comer e no beber, ainda há pouco motivos para calúnias sempre repetidas, a disciplina de Lutero, afirma RICHTER, alcançou um nível muito próximo à santidade ⁷⁹⁾. Semelhantemente LORTZ e o tolista francês Jacques MARITAIN afirmam que possuía os dons para ser um santo ⁸⁰⁾.

De importância decisiva, porém, é o fato de a seriedade profundamente religiosa do reformador ser reconhecida. Podemos ler afirmações como as seguintes: «Desde a infância de Lutero a religião estava em primeiro plano, dominando tôda a sua vida» ⁸¹⁾; ou ainda: «Até a morte, a fôrça dominante em Lutero era de ca-

76) O'Brien, p. 11.

Richter, p. 63.

77) Algermissen, p. 585.

78) O'Brien, p. 35.

79) Richter, p. 63.

80) Segundo Richter, p. 65.

81) Richter, p. 60.

ráter religioso»⁸²). De qualquer modo, escreve Yves CONGAR, tôda a reforma teve um sentido profundamente religioso, que os católicos deveriam descobrir de nôvo⁸³).

O protesto de Lutero contra as indulgências, com o qual a reforma se iniciou, era justificado, confessa O'BRIEN⁸⁴). Da mesma maneira LORTZ e HESSEN defendem o direito, sim, a necessidade histórica da Reforma luterana⁸⁵). O poeta francês, Paul CLAUDEL, católico convicto, chega mesmo a afirmar num dos seus dramas («O Sapato de Sêda»): «De santo algum está escrito que tenha sido necessário, mas a vinda de Lutero foi uma necessidade».

Acontece mesmo freqüentemente que os autores católicos de hoje concedem a Lutero ter sido um «instrumento poderoso da providência» ou ter uma «importância no plano da providência divina»⁸⁶). «Lutero é um homem chamado por Deus», diz RICHTER⁸⁷).

O teólogo católico Francisco Xavier KIEFL, o qual iniciou a evolução da nova opinião católica sôbre Lutero, escreve o seguinte: «Criando um movimento espiritual, que abalou séculos, Lutero era um instrumento da providência divina, que por meio dêle purificou a Igreja no seu santuário mais íntimo, purificou-a dos encantos sedutores da cultura renascentista. Serviu-se dêsse remédio amargo para criar uma nova vida em todo o catolicismo»⁸⁸).

Hoje se sabe claramente na Teologia católica que Lutero não quis atacar a Igreja. «Não desejou o cisma, mas sim a unidade da Igreja... Era, em última análise, um herege involuntário», diz RICHTER⁸⁹).

Assim Lutero deixou de ser, na opinião católica, «o mais baixo de todos os bípedes», como DENIFLE tinha dito ainda no início dêste século. Hoje é considerado (para citar alguns autores católicos contemporâneos) uma das maiores figuras de todos os séculos, um «gênio religioso verdadeiramente grande⁹⁰), um «homo religiosus» que confessa o Cristo crucificado⁹¹).

E' chamado por autores como HESSEN e RICHTER de «homo propheticus» ou «Profeta»⁹²). E LORTZ chega até a designá-lo «Evangelista de Jesus Cristo»⁹³).

Certamente, a Teologia e Historiografia católica não consideram Lutero um homem sem erros e defeitos. (Aliás, nós protestantes, igualmente, não o veneramos como um homem perfeito, se bem que, no passado, talvez tenha acontecido).

Falando de Lutero mencionam, por exemplo, a sua «natureza violenta e colérica», que, fâcilmente, degenera em ódio»⁹⁴). Falam

82) Algermissen, p. 583.

83) Congar, p. 264.

84) O'Brien, p. 20 s.

85) Lortz, t. I, p. 3 ss.
Hessen, p. 39 s.

86) Algermissen, p. 584.

87) Richter, p. 65.

88) apud Bornkamm, p. 340 s.

89) Richter, p. 278.

90) A. Fischer, apud Hessen,
p. 13.

91) Lortz, t. I, p. 383.

92) Hessen, p. 23; Richter, p. 75.

93) apud Hessen, p. 14.

de sua «intolerância» e «veemência»⁹⁵⁾, de sua «grosseria» e seu «orgulho»⁹⁶⁾.

Acontece também que alguns, como por exemplo O'BRIEN, descobrem nêle, à maneira de GRISAR, um «complexo de escrupulosidade» e «uma condição neurótica ou psicopática»⁹⁷⁾. E, particularmente, acusam-no de uma atitude demasiadamente subjetivista⁹⁸⁾. Mas tôdas essas considerações ocasionais de caráter crítico, não pretendem, de maneira alguma, anular o que foi afirmado de positivo. E' um fato inconcebível para as gerações passadas, que hoje em dia exista, no âmbito da própria Teologia e Historiografia católica, uma atitude em relação ao reformador, que podemos caracterizar como sendo **uma atitude honesta de respeito crítico.**

Com isso aconteceu algo de extraordinário: em vez de um abismo a dividir as duas grandes confissões, Lutero tornou-se uma «ponte ligando as nossas divergências», uma «fôrça que leva a uma união de mentes na fé», para empregar têrmos do padre O'BRIEN⁹⁹⁾. Os autores católicos insistem em salientar êsse fato. Tôda a obra de José LORTZ sôbre Lutero, por exemplo, compreende-se a si mesma como sendo uma introdução ao diálogo ecumênico e uma preparação da Una Sancta¹⁰⁰⁾. Do mesmo modo para João HESSEN a aproximação dos conceitos a respeito de Lutero constituiu o caminho para a unidade das Igrejas¹⁰¹⁾.

Encontramos, ao meu ver, a formulação mais memorável numa obra do teólogo católico Carlos ADAM. Diz êle: «Partindo de Lutero, temos que lançar a ponte sôbre o abismo entre as confissões. Podemos até ousar o paradoxo: unicamente o regresso resolutivo de nossos irmãos separados para Lutero possibilitará um regresso para a Igreja mãe»¹⁰²⁾.

Bem, sabemos todos que apenas uma aproximação no juízo sôbre a pessoa de Lutero ainda não anula as diferenças teológicas entre as confissões. As divergências doutrinárias ainda permanecem.

Mas iniciou-se uma nova época, na qual é possível manter um diálogo num espírito pacífico e objetivo, não alterado pelo ódio e pelo fanatismo.

Aqui reside a importância extraordinária da modificação radical à qual a opinião católica sôbre o reformador foi submetida pelos próprios teólogos e historiadores católicos. Em vez de permanecer uma fonte de divisão, Lutero tornou-se um traço de união.

Para nós protestantes, nunca deixará de ser um grato dever, pronunciarmos nosso respeito e darmos nossa mais sincera ho-

94) Algermissen, p. 585.

95) O'Brien, p. 28 s.

96) Lortz, t. I, pp. 148, 411 s., 421 ss.

97) O'Brien, p. 35.

98) O'Brien, Lortz, t. I, p. 407 ss.

99) O'Brien, p. 37.

100) Lortz, t. II, p. 307 s.

101) Hesse, p. 7.

102) Adam, Una Sancta in katholischer Sicht, 1948, p. 77.

menagem à Teologia católica por êsse seu feito, nascido do amor à verdade e à Igreja de Jesus Cristo una e santa.

BIBLIOGRAFIA:

- Algermissen*, K. Konfessionskunde, 7. ed., Paderborn 1957.
- Boehmer*, H. Luther im Lichte der neueren Forschung 3^a ed., Leipzig, 1914.
- Bornkamm*, H. Luther im Spiegel der deutschen Geistesgeschichte, Heidelberg, 1955.
- Congar*, Y., O. P. Luther in katholischer Sicht, in: *Evgl. Luther. Kirchenzeitung*, 1951, p. 261 ss.
- Denifle*, H., O. P. Luther und Luthertum in der ersten Entwicklung, 2^a ed., Vol. I, 1-3 Mainz, 1904-1906.
- Feliu*, R. V. Lutero en España y America española, New York, 1956.
- Franca*, L., S. J. A Igreja, a reforma e a civilização, 6^a ed., Rio de Janeiro, 1952.
- Idem. Catolicismo e Protestantismo, 2^a ed., Rio de Janeiro, 1952.
- Idem. O Protestantismo no Brasil, 3^a ed., Rio de Janeiro, 1952.
- Grisar*, H., S. J. Luther, Vol. 1-3, Freiburg, 1911-1912.
- Hermelink*, H. Uebersicht ueber katholische Literatur zur Reformationszeit und zur Gegenwart, in: *Theologische Rundschau*, N. F., 1951, p. 76 ss.
- Herte*, A. Das katholische Lutherbild im Banne der Lutherkommentare des Cochlaeus, Vol. 1-3, Muenster, 1943.
- Hessen*, J. Luther in katholischer Sicht, Bonn, 1947.
- Kolde*, Th. P. Denifle, Unterarchivar des Papstes, seine Beschimpfung Luthers und der evangelischen Kirche, Leipzig, 1904.
- Lortz*, J. Die Reformation in Deutschland, Vol. 1-2, 3^a ed., Freiburg, 1949.
- Maria*, J., S. D. N. O Diabo, Lutero e o Protestantismo, 2^a ed., Manhumirim, 1950.
- O'Brien*, J. A. Martinho Lutero, Vozes em defesa da fé, Caderno 12, 1959.
- Richter*, F. Martin Luther und Ignatius von Loyola, Stuttgart, 1954.